

ESPAÇO ABERTO

Trinta anos do real e décadas vindouras

Pedro Malan

estadaodigital@wsmuniz30@gmail.com

Em 2024 o real completa seus primeiros 30 anos como a moeda nacional de estável poder de compra. Um marco histórico, dado nosso passado de recordista mundial de inflação acumulada, do início dos anos 1960 ao início dos anos 1990.

Nenhum brasileiro que tenha menos de 46 anos (a maioria da população) tem lembrança vívida da marcha da insensatez que foi a evolução de nossa inflação – alta, crônica e crescente por décadas até chegar aos surreais 2.400% no ano de 1993, o último ano antes da criação do real. Da mesma forma, nenhum brasileiro que tinha menos de 46 anos em 1989 (novamente, a maioria da população) jamais havia votado para presidente da República. Há que comemorar os 35 anos de eleições diretas para o cargo, apesar das dores do aprendizado.

Ao derrotar a hiperinflação e se consolidar, o real permitiu que o País pudesse vislumbrar, com um pouco mais de clareza, a magnitude de outros problemas econômicos, sociais e político-institucionais que precisavam ser enfrentados para que pudéssemos vislumbrar

nosso futuro, no longo prazo, com mais confiança. Nas comemorações dos 30 anos do real e de nossa democracia seria importante incorporar uma visão que vá além de 2024, do próximo triênio, do restante desta década.

Em sua edição mais recente, a revista *The Economist* mostra que isso é o que procuram fazer vários países em desenvolvimento no mundo de hoje. Segundo a revista, em 2050 haverá um novo grupo de potências econômicas – se seus planos ambiciosos se concretizarem. A Índia de Modi pretende alcançar em 2047 (centenário de sua independência) o status de país de alta renda, tal como definido pelo Banco Mundial. A média de crescimento para tal deveria alcançar 8% ao ano, a ser obtida via investimentos em indústria de alta tecnologia. A Indonésia pretende explorar as oportunidades de investimento propiciadas pela transição energética, e espera crescer 7% ao ano nas próximas décadas. Os países árabes do Golfo preveem diversificar suas economias para as áreas de serviços, turismo e inteligência artificial. Há vários outros países com objetivos ambi-

A corrida para tornar-se um país rico no século 21 será mais difícil. O que não quer dizer que não haja oportunidades a serem exploradas

ciosos por alcançar.

Vale lembrar que a experiência dos países desenvolvidos, da Coreia do Sul, da China, mostra claramente que “o motor de longo prazo para o crescimento é a mudança tecnológica” (Arthur Lewis), “a força propulsora de descobertas e inovações” (Paul Romer), a “destruição criadora” (J.

Schumpeter). E que “a capacidade de um país elevar o padrão de vida de sua população ao longo do tempo depende quase que inteiramente de sua produtividade” (Paul Krugman). Essa produtividade depende fundamentalmente da educação de qualidade, ali onde mais importa, que é nos anos iniciais de vida – onde é possível tentar reduzir as enormes desigualdades de oportunidade na partida, que estão na raiz de nossos níveis de pobreza, violência e desigualdade de renda e riqueza.

Em livro publicado em 1986 (*How the West Grew Rich*), Rosenberg e Birdzell sugerem que “poucos países em desenvolvimento, começando de longe, podem esperar recuperar o atraso em relação à dinâmica entrelaçada de tecnologia, produção industrial e crescimento econômico do Ocidente”. Em sua opinião, “os países do Terceiro Mundo têm um potencial de crescimento muito substancial, (...) mas arranjos institucionais inadequados para a inovação, provavelmente, mais cedo ou mais tarde, limitarão o crescimento futuro”.

A observação, velha de 40 anos, não é tão descabida quanto pode parecer à primeira vista. Afinal, foram relativamente poucos os países que nestes 40 anos conseguiram superar a chamada “armadilha de renda média”. Edmar Bacha identificou uma dúzia deles. O Brasil tem condições de enfrentar com êxito esse desafio. Se formos capazes de não só anunciar objetivos desejáveis, mas identificar os meios e instru-

mentos para alcançá-los ao longo do tempo. Ao fazê-lo é que afloram com clareza os *trade-offs*, os conflitos de razão e de interesse, os custos, as dificuldades escolhas e a inescapável definição de prioridades.

O mundo ficou mais perigoso nesta terceira década do século 21. Como concluiu a matéria da *The Economist*, a corrida para tornar-se um país rico no século 21 será mais difícil e extenuante (*gruelling* no original) do que aquela do século 20. O que não quer dizer que não haja oportunidades a serem exploradas por países que se organizam para tal – com visão de longo prazo.

Ainda a propósito de comemorações. O Programa de Pós-Graduação e Pesquisa do Departamento de Economia da PUC-Rio, criado em 1978, completou seus primeiros 45 anos. Nesse período formaram-se 490 alunos no programa de mestrado, dos quais 223 concluíram doutorados em universidade de primeira linha nos EUA e na Europa. Ex-professores e ex-alunos do departamento ocuparam posições relevantes em sucessivos governos. Vinte e dois foram diretores do Banco Central; seis, seus presidentes. Dez integraram a diretoria do BNDES, quatro deles como presidentes do banco; três presidiram o IBGE. Dos membros da equipe central do Plano Real, nada menos que seis foram ligados ao departamento como professores ou ex-alunos. Não é pouco – há o que comemorar. ●

ECONOMISTA, FOI MINISTRO DA FAZENDA NO GOVERNO FHC. E-MAIL: MALAN@ESTADAO.COM

FÓRUM DOS LEITORES

O Estado reserva-se o direito de selecionar e resumir as cartas. Correspondência sem identificação (nome, RG, endereço e telefone) será desconsiderada. E-mail: forum@estadao.com

Balança comercial

Exportação de empregos

Sobre o texto de José Serra *Aspectos essenciais da balança comercial* (11/1, A4), quase US\$ 340 bilhões de exportações são um marco considerável nas relações internacionais do País. Um milhão de sacas de café exportadas para a China é outro recorde memorável. Mas, a exemplo do que vem ocorrendo, exportamos minério de ferro, café em grão e até boi vivo e importamos bobinas de aço-carbono, cápsulas de café expresso, sapatos, bolsas e outros adereços em couro de quem não possui tais matérias-primas. É preciso repensar nossa condição de exportadores de produtos primários e promover a agregação de valor a tais bens, via industrialização de derivados. No limite, estamos exportando empregos e a indispensável produtividade, mola propulsora do PIB.

Fauzi Timaco Jorge
fauzjorge@gmail.com
São Paulo

Guerra ao narcotráfico

Ajuda ao Equador

É interessante escutar que o Brasil, através de seu dádivo presidente da República, se propõe a enviar membros das forças de segurança para ajudar o Equador a combater as facções criminosas, quando sabemos que o nosso país, infelizmente, está sendo tomado pelos mesmos motivos de Norte a Sul, com as facções que agem tranquilamente em “seus” territórios. Estamos vivendo num grande “saco de gatos”.

Leila Elston
leilaelston@uol.com.br
Itanhaém

Poder Judiciário

‘Cabeça política’

Lamentável, como tem sido frequente, o comentário de Lula sobre ter um ministro do STF com perfil político (*Dino será ministro com ‘cabeça política’ no Supremo, diz Lula*, 12/1, A6), como se não

bastasse a já existente meia dúzia de ativistas naquela Corte.

João Paulo de Oliveira
jp@seculovinteum.com.br
Cabo Frio (RJ)

Desmonte da Lava Jato

A Lava Jato mostrou desvios de montanha de dinheiro público praticados por gente poderosa. Agora chegou a vez do ex-tesoureiro do PT João Vaccari se beneficiar da farra de anulação das condenações sob entendimentos de não haver competência da 13.^a Vara Federal Criminal de Curitiba para aqueles julgamentos. Mais uma vez, só o STF tem visto tais incompetências. Tendo-se em conta que foi a partir de piratarias o desmonte da Lava Jato, todos os envolvidos podem continuar comemorando.

José Elias Laier
joseeliaslaier@gmail.com
São Carlos

São Paulo

O pragmatismo de Marta
O pragmatismo político faz de

Marta Suplicy o Geraldo Alckmin de Guilherme Boulos. Porém, há uma notável diferença: Alckmin não traiu seu partido de origem, mas foi por ele traído, vide o apoio de João Dória a Jair Bolsonaro em 2018. Já Marta vendeu sua alma no impeachment de Dilma Rousseff. O picolé de chuchu eu engoli, mas ainda bem que não voto na capital.

Adilson Roberto Gonçalves
prodromoarg@gmail.com
Campinas

Poda de árvores

Se realmente existem em São Paulo 600 mil árvores, nem o Exército Brasileiro poderia tomar conta. Como todo ano temos problemas de enchentes e árvores caindo e afetando a todos, sugiro ao prefeito que faça urgentemente um acordo com as associações de bairros e cadastre engenheiros agrônomos para assessora-las, para que elas mesmas cuidem das árvores de suas regiões. Com um parecer técnico do agrônomo, podem decidir o que fazer, inclusive podas ou

cortes. As despesas, a Prefeitura pagaria após apresentação da documentação. Isso evitaria transtornos para toda a cidade. Além de liberar a Prefeitura de um compromisso que não consegue cumprir.

Antônio José G. Marques
ajgmescallhao@gmail.com
São Paulo

Presente para a cidade

Em breve a cidade de São Paulo completa mais um ano. A Prefeitura e o Estado, que arrecadam bilhões com IPTU e IPVA, deveriam juntar forças para melhoria da segurança, podas de árvores, pavimentação de ruas e calçadas, atendimento hospitalar sem filas. Além disso, os últimos apagões revelaram a incapacidade de a concessionária de energia prosseguir. Sem uma mudança radical não há presente para o paulistano e nada a ser comemorado nesta desordenada selva de pedra.

Carlos Henrique Abrão
abraoc@uol.com.br
São Paulo